

Entrevista com Luano do Zine

SAMI MESSIAS MORITZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

RESUMO

Entrevista concedida por Luano, poeta e artista transmasculino não-binário original de Caraguatatuba-SP e residente em Uberlândia-MG, onde atua na produção e venda de zines autorais e independentes nos bares da cidade. Na conversa, Luano aborda seu trabalho de escrita e desenho que perpassa temas intrínsecos à sua trajetória de vida, como especismo, sexualidade, questões de classe e gênero, além da circulação noturna por sete a oito diferentes bares na comercialização dos zines e em constante diálogo com a população local há seis anos, desde 2019. A metodologia utilizada foi de entrevista semi-estruturada tendo como objetivo a publicização do trabalho autoral de uma pessoa transmasculina não-binária que percorre a cidade difundindo suas percepções acerca de diversas temáticas através da arte e fortalecendo a visibilidade de pessoas transmasculinas no enfraquecido imaginário cisnormativo. Luano é, atualmente, uma figura proeminente no panorama LGBTQIAPN+ de Uberlândia e, portanto, precisa ser reconhecido enquanto sujeito criador e perpetuador de narrativas sobre pessoas trans que sejam escritas por nós mesmas.

PALAVRAS-CHAVE

Entrevista. Boyceta transmasculino não-binário. Zines. Poesia. Trabalho.

ABSTRACT

Interview with Luano, a non-binary transmasculine poet and artist originally from Caraguatatuba-SP and residing in Uberlândia-MG, where he produces and sells independent, self-published zines in the city's bars. In the conversation, Luano discusses his writing and drawing work, which touches on themes intrinsic to his life trajectory, such as speciesism, sexuality, class and gender issues, as well as his nightly circulation through seven to eight different bars selling zines and in constant dialogue with the local population for six years, since 2019. The methodology used was a semi-structured interview, aiming to publicize the work of

Entrevista com Luano do Zine

SAMI MESSIAS MORITZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

a non-binary transmasculine person who travels the city disseminating his perceptions on various themes through art and strengthening the visibility of transmasculine people in the weakened cisnormative imaginary. Luano is currently a prominent figure in the LGBTQIAPN+ landscape of Uberlândia and, therefore, needs to be recognized as a creator and perpetuator of narratives about trans people that are written by ourselves.

KEYWORDS

Interview. Non-binary transmasculine boyceta. Zines. Poetry. Work.

Entrevista com Luano do Zine

SAMI MESSIAS MORITZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

O trabalho de confecção de zines, por si só, já diz muito sobre uma pessoa. Em regra, um zine (abreviação de fanzine) é uma publicação independente que tem sua origem na cultura *underground* e pode abordar temas diversos, muitas vezes polêmicos ou com viés de resistência frente a alguma normatividade. É o caso de Luano,

Boyceta trans não binário, Luano é poeta e ilustrador de zines, rapper, licenciado em Teatro pela Universidade Federal de Uberlândia e artista visual. Sua obra aborda principalmente opressões de gênero, classe e sexualidade. Hoje reside em Uberlândia-MG, onde vende seus zines nos bares e ruas desde 2019. Poeta conhecido na noite uberlandense, já auto publicou 16 zines diferentes, abordando desde o erotismo trans até o especismo. Luano tem 29 anos e foi criado na cidade de Caragatatuba no estado de São Paulo, escreve desde criança, e desde criança desenha, encontrando necessidade na produção artística. (Luano)

Conheci Luano no 1º Encontro de Pessoas Transmasculinas e Não-binárias de Uberlândia, realizado em janeiro de 2025 no Cecy Bar, organizado por ele, evidenciando sua importância e protagonismo na cena trans da cidade em mais uma ação em prol das transmasculinidades. Na presente entrevista, realizada em 14/11/2025 na casa do entrevistado, ele nos conta um pouco mais sobre seu trabalho e vivência enquanto artista transmasculino não-binário que lida cara a cara com o público - seja ele normativo ou não. Entre situações engraçadas e inesperadas nas noites uberlandenses, ele segue disseminando suas ideias em forma de arte, que perpassa uma militância intrínseca à sua própria vida. Luano vende seus zines por qualquer valor que a pessoa queira ou possa oferecer. Os títulos de seus 16 zines são: *Putá, Senhora, Grana, Parto, Abraço, Tesourinha, Assassinaram o Peixe, Paz aos Corpos, Plantar-se, Distopia do dia a dia, Sonho, O Homem Cis Branco: uma Persona um Papel, Preferência, De Joelhos, Enroscade e Canção em sua Memória.*

Trajetória de vida e início da produção de zines

Sami: Luano, você é graduado em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), é poeta e artista independente que atua nas ruas de Uberlândia vendendo seus zines.

Entrevista com Luano do Zine

SAMI MESSIAS MORITZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Você poderia se apresentar brevemente e contar um pouco sobre sua trajetória antes de chegar à produção de zines?

Luano: (risada) Posso. Bom eu sou o Luano, como já foi dito, sou boyceta transmasculino e trabalho com poesia na rua desde 2018. Antes de entrar na universidade (eu entrei em 2019) eu já comecei com o zine. Acho importante falar isso porque tem muita gente que lê o que eu tô escrevendo e fala “ah você faz algum curso?” Como se tivesse alguma ligação direta eu escrever com eu estar em uma universidade. E não necessariamente né, eu sempre escrevi, desde criança, sempre gostei... Desde que eu aprendi a escrever eu gostava de escrever. Lembro até hoje da minha primeira aula de redação, a professora mostrou uma música, acho que aquela do Falamansa “você que tem medo de chuva...” e ela foi dando uma aula de interpretação de texto, falou “vocês podem escrever um texto”. Mas como assim escrever um texto? Ela foi ensinando e a partir disso eu pensei “nossa que legal, porque eu vou poder me expressar e as pessoas vão poder ver minha ideia até o fim.” Por que quando a gente é tipo uma “garotinha” no Brasil (entre aspas por que eu não era uma garotinha, mas era visto como uma) você acaba sendo silenciado muitas vezes, desde criança não querem ouvir o que uma “garotinha” têm a dizer. E têm a questão da infância também que muitas vezes a gente é colocado em um lugar de silenciamento. E aí eu gostei muito de poder me expressar através de algo, conseguir expressar minhas ideias até o final. A professora além de ver até o final ainda dava uma nota, dava uma resposta do que ela achou sobre o que eu falei. Isso pra mim era uma coisa incrível, desde criança. Eu sempre fui gostando de escrever, escrever. Escrevia poesia, mostrava para minha família, eles gostavam. Mas comecei a perceber que era pouco ficar escrevendo só pra mim. Não que seja pouco, até hoje escrevo só pra mim, tem o seu lugar isso também.

Quando eu tinha sete anos de idade meus pais me colocaram no teatro, meus pais gostavam muito de arte, meu pai desenhava, minha mãe escrevia. Foi um lado muito bom da minha família que me incentivou, eu gostei muito do teatro e tô até hoje. Já faz uns vinte anos de teatro. Antes de vir para Uberlândia e vender zine eu passei por umas situações financeiras bem complicadas na minha cidade, Caraguatatuba, por que não tem muita oportunidade de trabalho,

Entrevista com Luano do Zine

SAMI MESSIAS MORITZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

era muito limitado. Durante as temporadas tinham as lojas de sorvete, açai e os quiosques que você trabalha, cheguei a trabalhar das 14h até 2h da manhã, mas quando saía da temporada não tinha nem isso.

Sami: Como surgiu seu interesse por fazer zines? Você lembra qual foi o tema do seu primeiro zine?

Luano: Um dia eu estava andando no centro de Caraguatatuba e um cara com dreads compridos me perguntou “Você gosta de ler? Eu troco poesias por qualquer coisa”, aí eu troquei. O nome dele era Chapolin e ele era do Rio de Janeiro, do Complexo do Alemão. Ele vivia só do zine e trocava por tudo, comida, passe de ônibus, dinheiro. Eu achei o máximo, nem sabia direito o que era um zine mas pensei “eu também escrevo e desenho, vou fazer o meu.” O meu primeiro zine foi o PUTA, tenho ele até hoje. Ele fala “precisamos falar despudoradamente da puta, da puta mãe que tem um filho em terreno baldio e nasce com a cara do pai...” e vou falando várias coisas que assolam as pessoas consideradas putas na sociedade... aí no fim eu falo “melhor mentir, me esconder. a puta eu, a puta você”. Mesmo que seja um zine que eu tenha escrito antes da minha transição ele é bem completo nesse sentido de que mesmo falando puta ele fala “a puta também pode ser homem, travesti, nb, a puta que não tem nome”, a puta não é uma questão de gênero também sabe.

Sami: Quais suas referências e inspirações (afetivas, artísticas ou políticas) para criação dos zines?

Luano: Além do Chapolin teve também a Maria Preta, ela é uma artista que tá inclusive na Netflix, é MC e também tava viajando na minha cidade. Foram pessoas que não eram da minha cidade e me influenciaram. Ela viajava o Brasil com o zine, aí pensei “é uma mina fazendo um trampo independente, eu também posso fazer”. Não lembro se ela chegou a ver meu zine mas ele (o Chapolin) viu.

Entrevista com Luano do Zine

SAMI MESSIAS MORITZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Técnicas e confecção

Sami: Como você elabora suas zines — desde a ideia até o produto final?

Luano: Eu sempre escrevo, nem que seja uma frase, uma letra de música. Tenho tido dificuldade hoje em dia porque tenho gostado de escrever mais música e de escrever pouca poesia. Eu tô sempre escrevendo, semanalmente. Mas eu penso, “vou fazer um zine” e pego uma poesia que eu já escrevi e penso “vou ilustrar essa poesia”. Não escrevo uma poesia para um zine. Geralmente eu pego uma poesia que já tá pronta e ilustro ela, vejo se o tamanho dá e começo a ilustrar. Outra coisa que faço é se eu for, por exemplo, desenhar um jipe, eu pego uma imagem no google, me inspiro e tento fazer o meu. Pra ver a referência de posição é melhor pra fazer o zine, dá uma concepção mais realista.

Sami: Que técnicas e materiais você costuma usar (desenho, colagem, impressão, digitalização, etc.)?

Luano: Desenho, colagem, impressão e digitalização (risadas). É tudo em arte tradicional mesmo, desenho, contorno, faço colagem e depois digitalizo tudo. Mas como eu optei por essa cor totalmente preta acaba que muitas vezes a máquina da impressora atola, já aconteceu muitas vezes. É muito forte e a máquina não aguenta, aí tem que ser uma daquelas grandonas, industriais. Inclusive meu sonho é ter uma dessas, que imprime de boa e eu mesmo posso imprimir. Mas pelo que vi é mais de três mil reais.

Sami: Você considera seu trabalho uma forma de arte, militância, ou as duas coisas?

Luano: Acho que é artístico e militante. Tem arte que é militância e arte que não é militância. Eu abordo as questões de classe em todas as minhas obras, sejam nas artes cênicas, no desenho ou na escrita. Vai abordar a questão da transgeneridade e da opressão. Tem muitos zines meus que são eróticos, mas se pensar eu tenho 16 zines e 3 são eróticos. E o erotismo é uma militância, mesmo que não seja divergente já é uma militância por estar falando de algo tabu. Apesar de defender que o erótico é militante eu também trago o holofote para várias opressões,

Entrevista com Luano do Zine

SAMI MESSIAS MORITZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

não só a questão de gênero e sexualidade. Tem a questão de classe e do especismo, da libertação animal mesmo.

Conteúdo das obras e distribuição

Sami: Você aborda diferentes temáticas que estão interconectadas com sua trajetória de vida e suas escolhas político-pessoais, como veganismo, não-monogamia, transmasculinidade, pansexualidade, entre outras. O que te inspira a escolher esses temas, muitas vezes tabus, e como você percebe a recepção do público sobre cada um deles?

Luano: O que me inspira a escrever esses temas é justamente uma coisa que eu já vi muitas travas falando sobre isso. Linn da Quebrada por exemplo, lá em 2016 já falava. De não se ver, de não encontrar aquele discurso e ter que inventar o discurso. Desde que eu comecei eu queria tocar na ferida, queria zines que provocasse quem estivesse lendo. E é muito doido por que às vezes a pessoa odeia o que ela leu, que refletiu sobre ela e ela compra. Recentemente Sami, sabe o que aconteceu? Um cara falou que eu era uma mulher biológica, corrigiu meu zine, falou da questão linguística, do português correto em cima do meu zine, corrigindo tudo. Perguntou se eu era trans, o que eu era, como eu nasci, se eu nasci homem ou mulher, se era uma mulher biológica. E no fim me deu cem reais em um zine. E aí é muito doido pensar nisso, eu nem gosto de colocar em entrevista que ele me deu cem reais por que parece que todo mundo faz, e ninguém faz isso, é muito raro acontecer. Normalmente a pessoa dá cinco, dez reais no máximo, por que eu vendo meus zines por qualquer valor então é a pessoa que escolhe quanto ela quer ou pode dar. Mas esse caso que o cara foi tão transfóbico, me ofendeu tanto e ainda comprar o zine... é doido né?! Pensar que a pessoa lê algo que ela não gosta, se sente exposta lendo aquilo. Por que às vezes eu escrevo “rezando pra deus e comendo carne” e a pessoa se sentir exposta naquilo, principalmente esses que são do veganismo. Uma vez um cara falou “eu vou comprar porque eu sou dono de sushi bar” e era o do peixe, que eu falava do peixe ser muito invisibilizado. “E o peixe invisibilizado foi ficando, tendo até quem comia peixe se dizendo vegetariano” e tem muita gente que pensa “nossa eu como peixe e me digo vegetariano”. Aí a

Entrevista com Luano do Zine

SAMI MESSIAS MORITZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

peessoa não gosta por que ela tá sendo provocada mas ela compra. (risadas) Curioso, né? E eu acho que o artístico tá aí, porque se fosse uma coisa só de militância, um texto que falasse um monte de coisa escrita ninguém ia se interessar muito. Mas o artístico convida você a ter um ponto de vista, às vezes até sobre si mesmo e às vezes até meio impositivo, mas você conseguir tirar proveito disso de verdade, sabe? Você pensar “porra, essa pessoa aqui tá me tirando mas daora ela ter essa coragem”. E aí você adquire por isso talvez. Tem mil e um motivos, lógico.

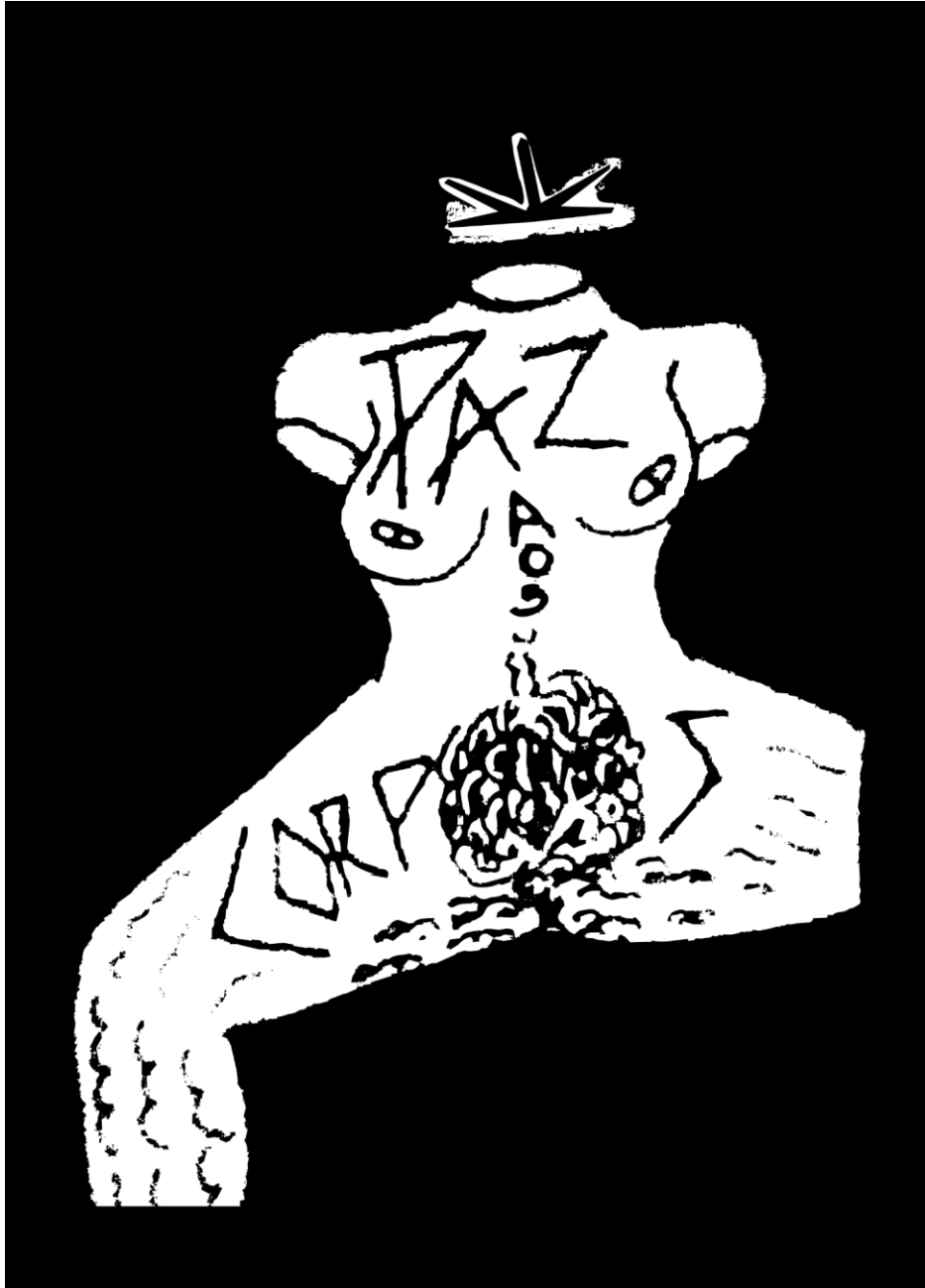
Entrevista com Luano do Zine

SAMI MESSIAS MORITZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Capa de *Paz aos corpos*, 2018

Entrevista com Luano do Zine

SAMI MESSIAS MORITZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Sami: Você lida diretamente com diversas pessoas todas as noites apresentando seu trabalho em bares e restaurantes da cidade. Já pude perceber que você direciona determinada temática partindo da leitura que você faz da pessoa que vai receber. Como surgiu essa estratégia que você emprega ao entregar as zines e qual a sua eficácia?

Luano: Essa estratégia vêm desde sempre por uma questão de sobrevivência e de uma realidade que a gente não pode fugir. Tem um professor meu que dá aula de visualidades da cena e na primeira aula ele falou assim “você não pode julgar o livro pela capa, mas você já julgou.” E isso é uma verdade né, por que não julgar já é um julgamento. Você tentar não julgar vai chegar em outro julgamento, pode não ser o inicial, tentar fugir dele, mas você vai julgar de qualquer forma. Julgar é absorver e considerar, tudo o que a gente tá absorvendo a gente tá julgando. É impossível você olhar pra uma pessoa e não deduzir algo sobre ela, infelizmente a gente acaba caindo nessa armadilha. Quando você fala de eficácia, tá justamente aí, já aconteceu várias vezes e muitas vezes e muitas e muitas vezes de dar certo eu entregar o zine e a pessoa falar “ah deixa eu ver outros”, e ela olhar mais uns quatro zines e escolher o que eu entreguei pra ela. Isso acontece quase toda noite com muita gente. Algumas coisas são mais no *feeling* e outras são pensadas também, tipo uma pessoa tá com pingente da maconha, por que eu não vou dar o zine sobre maconha? Coisas óbvias ajudam a gente também. Às vezes não tá na cara da pessoa, mas tá na blusa com um detalhe de uma bandeirinha trans, uma bandeirinha sapatão. Às vezes tá um casal ali grudado e eu dou um erótico pra eles lerem (risadas). Acho que começou isso com o pensamento de “não vou dar esse muito escancarado pra essa pessoa com cara de conservadora” por que desde que eu comecei a vender eu ofereço pra todo tipo de gente, gente diversa, não faço diferença só pra jovem ou só pra LGBT. Aí no começo eu ficava com muito medo, porque no começo eu tinha alguns, Sami, que nossa... Chamava “Senhora” e eu falava “em nome do pai, do filho e do espírito santo, todos no masculino e eu mulher. Mulher que fere, mulher que chora, mulher que fede, mulher que amola a minha faca...” eu falava umas coisas muito *hardcore* no começo. Agora também, mas fui amadurecendo esse lado. E aí eu tinha medo de um cara super conservador pegar esses e ter uma discussão desnecessária ou até

Entrevista com Luano do Zine

SAMI MESSIAS MORITZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

uma agressão desnecessária. E aí eu fui entregar sabendo qual poesia eu tô entregando, porque pelo menos eu sei o que a pessoa tá lendo. Começou assim e hoje em dia se tornou algo realmente de pensar “acho que tal pessoa vai gostar de um zine que fale de preferência sexual”. Acontece também de ser na defensiva, tipo de todos os zines que eu tenho aqui que falam sobre eu, sobre buceta, tem esse aqui que fala sobre dinheiro, então vou entregar pra esse senhor, sabe? Infelizmente, eu lido com estereótipos e a eficácia não é 100% por que você pode se surpreender. Uma vez eu tava com três poesias daquela que abre e tem duas pessoas na tesourinha. Aí eu passei por um casal e pensei “não vou oferecer” porque era uma casal 50+ e podem ficar ofendidos. E eles perguntaram “o que você tem aí?” Eu mostrei, eles adoraram e compraram. E já aconteceu o oposto também, eu mostra algo sobre eu pra um casal de gays homens cis e a pessoa reagir mal, não gostar, ficar ofendido. Tem uma margem de erro também.

Sami: Você trabalha com a venda de zines desde 2019, totalizando seis anos. Você sente que as ruas de Uberlândia têm se tornado mais abertas ou mais hostis com o tempo?

Luano: Quando eu cheguei aqui em Uberlândia eu trabalhei no carnaval e na Parada (LGBTQIA+). Isso antes da pandemia, era muito melhor porque tinha muito fluxo. Tinha uma balada chamada Belgrano, era uma balada LGBTQIAPN+ no centro e no carnaval fechou a rua, era muita gente. Coisa que não tem mais, eram 4 dias de festa e eu vendia muito. Além de ter muita gente na rua, eu era novidade total, muita gente nunca tinha visto minha poesia. Eu vendia 50 poesias toda noite, toda noite. Aí veio a pandemia fiquei um tempo sem vender, só ajudando minha irmã no Kaya Lanches por que não podia ir nos bares, tava tudo fechado né. Hoje em dia, se eu vendo muito vendo umas 30-35 poesias, na época eu vendia 50. Já reduziu consideravelmente. Mas eu continuo vendendo porque faço muitos novos, gente que já comprou ainda compra. Graças a essas pessoas, obrigada pessoas (risadas). Graças aos clientes fiéis eu me mantenho vivendo disso.

Entrevista com Luano do Zine

SAMI MESSIAS MORITZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Sami: Como é ser uma pessoa transmasculina não-binária no contexto do trabalho informal e artístico em Uberlândia?

Luano: Nossa, acho que as pessoas tem dó de mim né (gargalha). É muito doido. Eu queria fazer um quadro chamado “Cara de nojo da patty”. É uma coisa diária, o tempo todo. Tem uma poesia que eu fiz sobre isso, peraí que vou pegar pra ler, dá pra pausar (a gravação)?

Vem falar de sorte

Pra quem não pode contar com a sorte

Pra pagar a janta

Patricinha mostrando que desenhei uma buceta no meu zine

Desenhei várias e isso é chic

Não precisa dar seu chilikue

Nem todo mundo quer vestir grife

Mina cis com nojo de xota

Dá pra ser mais hipócrita?

O que cê tem entre as pernas?

Vocês que inventam essa pergunta idiota

Eu sorri agradei e pegay o zine

Feliz por ela ter lido

Você me oprime

Mas eu te aviso

Eu sou até didático se for preciso

Pro teu ódio abro um sorriso

Eu mesmo sou ateu e não acredito em pecado

Mas na ética há certo e errado

E é por isso que eu vendo zine

Eu engasgo

Entrevista com Luano do Zine

SAMI MESSIAS MORITZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Elas duvidam da caminhada

Dizendo que buceta até em desenho tem que ser depilada

E pra defender meu ponto

Eu tenho só uma dúvida

Vocês já chuparam uma buceta de adulta?

Quero dizer

Vocês já chuparam uma buceta peluda?

Sami: Uberlândia tem uma galera bem normativa.

Luano: Sim, principalmente em alguns bares que eu vou. Vou em sete bares, oito quando o Oripim tá aberto. Vou no Vinil, no Alpendre, no Angará, na Cecy, no La Biblio, no Joe Rock e no Dboche. São públicos muito diversos. No La Biblio e Dboche independente de como você tiver tá de boa. Outros são mais complexos.

Sami: Você percebe apoio ou redes de solidariedade na cena local?

Luano: De algumas partes sim. Tem muita gente que compra sempre o zine, essas são as melhores pessoas. Tem uma menina que uma vez assinou o meu “Apoia-se” que fiz e ela ficou alguns meses depositando grana pra mim. Não depositava muito né, mas foi a única assim constante. Tem gente que dá uma grana maior, isso é legal quando você sabe que pra você não é tanto assim, mas pra mim é. Alguns donos de bares também, o Sérgio do Vinil, o dono do Angará, o do Dboche, o Oripim e a Cecy são pessoas que sempre me deixaram vender, estiveram abertas. A Cecy fez uma parede do meu trampo, divulgando. E quando eu fiz o encontro de transmasculinos ela também cedeu o espaço, foi muito legal. Sinto que as pessoas me apoiam muito no insta também, muita gente segue, me acompanha e quando posto coisa de arte curte bastante. Eu acho que como transmasculino... se eu fosse uma mina cis seria mais apoiado.

Entrevista com Luano do Zine

SAMI MESSIAS MORITZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Original recebido em: 15 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 16 de dezembro de 2025